

A FAMÍLIA

REGO MONTEIRO

ERTON NEI DO
RÊGO

26/06/84
SK/S

1957

* 1979 *

Ar. Arquivo Público 1
Recife. P. S. Erton Nei do Rêgo 10/5/80
2. com correção

Este trabalho quando transcrito nos 1º e 3º
Ofício de União, deste Estado, por equívoco, hou-
ve algumas trocas e omissões de nomes, de pala-
vras que, serão retificadas com esta redação.

União, 30 de Maio de 1972.

Erton Nei do Rêgo.

A FAMÍLIA RÊGO MONTEIRO.

O Tenente - Coronel Tomé do Rêgo Monteiro,
filho do Cel. Clementino do Rêgo Monteiro e de
sua espôsa dona Francisca das Chagas Dantas, fi-
lhos de abastados portugueses, e naturais de Olin-
da - Pernambuco. Proprietário, criador e agricul-
tor, natural da cidade de Oeiras, deste Estado e
sua espôsa dona Silvéria Joaquina de Oliveira Rê-
go, sua parenta natural de Recife - Pernambuco, on-
de ~~de~~ ambos, alí, de familiares residentes, membros
da tradicional família Sousa Martins, de Oeiras-
Piauí, e de portugueses ilustre e abastados, nas-
ceu a 1º de maio de 1809, no lugar ainda, hoje,
denominado "Barra do Riacho dos Cavalos", municí-
pio de União, deste Estado, o Barão de Gurguéia,
Tenente - Coronel João do Rêgo Monteiro.

Em consequência de litígio de terras com o
Padre Silvestre Martins Afonso, Tomé do Rêgo Mon-
teiro foi assassinado em 1813, em seu próprio lar,
quando escrevia, por Jagunços, do citado Padre e
a mando deste; João do Rêgo Monteiro, se fez ór-

fão e bem assim o seu irmão Benedito José do Rêgo, os quais viveram em companhia da mãe e viúva, diante de tão despótico antagonista, rico e potente, com o colimado objetivo de facinorosamente' apoderar-se de suas terras.

O abominável e traiçoeiro homicídio ficou impune.

Na ocasião do trágico e pusilânime assassínio, a espôsa de Tomé, que fiava frente a frente da mesa, em que escrevia, atônita, angustiada e desatinada, abraçou-se com o cadáver do espôso dileto, e virando-se para os tiranos facínoras, disse: "Digam ao Sr. Padre Silvestre que vá comendo o seu bom perú e boa galinha que a morte de meu marido há de ser vingada". Um dos homicidas, ou sou alvejá-la com a arma de fogo que conduzia e pelo outro sicário foi sustado, dizendo: "não mate a mulher que ela tem razão".

Meses depois Silvestre viajava a cavalo para uma de suas fazendas, quando foi suprimido por análogo trânsito.

Dona Silvéria, senhora de índole varonil, com ombridade, heroicamente a trabalhar, com a esperança nos seus filhos, educando - os e ensinando - lhes o trabalho e a economia, que, graças a Providência Divina, não se frustraram a esse disígnio. Neles despertando o amor à virtude ao trabalho e à economia.

Aos 14 anos, João do Rêgo Monteiro, já era chefe de família, sua progenitora depositava-lhe t^oda confiança e tudo lhe corria bem.

Aos 18 anos, desposou sua sobrinha dona Custódia Joaquina do Rêgo, filha de sua irmã, dona Maria Joaquina de Oliveira Rêgo, esposada com o português Major Custódio da Silva Leão.

Deste matrimônio, nasceram três filhos que faleceram em tenra idade, e Filinto do Rêgo Monteiro, que pareceu aos trinta anos de idade, ainda celibatário, probo, trabalhador e devotado à ajuda paterna o prototipo do bom filho e do cidadão diligente, e o Major Custódio do Rêgo Monteiro conceituado funcionário da Alfândega de Parnaíba, deste Estado. Viúvado João do Rêgo Monteiro, em 1841, ano depois casou - se segunda núpcias com sua cunhada dona Delmira dos Anjos Rêgo, filha de sua aludida irmã, que havia contraído segundo ^{himenau} ~~hi~~meu com o Tenente Coronel Antônio José Henrique Dantas.

Desse matrimônio João do Rêgo Monteiro teve quatorze filhos, que lhe sobreviveram, três homens e quatro mulheres, Coronel Benjamin do Rêgo Monteiro, Coronel João do Rêgo Monteiro Filho, Capitão Olímpio do Rêgo Monteiro, D. Maria do Rêgo Monteiro, solteira de prendas domésticas, dona Lúcia do Rêgo Lobão, matrimoniada com o Tenente Coronel Nilo Alves de Lobão Vêras; D. Delmira do

Rêgo Lobão, consorte do Tenente Coronel Anfrísio Alves de Lobão Vêras, grande fazendeiro e proprietário que exerceu elevados cargos públicos em seu município, salientando - se de Intendente Municipal, por quatro anos, distinguido pela mesma cidade, com a rua Coronel Anfrísio Lobão; e D. Santilha do Rêgo Pinheiro, casada com o major Artur Pinheiro, comandante da Força Pública Policial do Estado.

O Barão de Gurguéia, trabalhador, empreendedor, inteligente e econômico, ampliando as suas terras no lugar "ESTANHADO", onde edificou casas residenciais, uma Capela, logo mais, transformando-a em Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, hoje, Matriz de União, cuja criação da Paróquia, em 27. 08.1853, pela Lei nº 348.

Concitados amigos às suas ajudas nessa obra de benemerência pública, em pouco tempo o povoado "ESTANHADO" cresceu. Doou ao Governo Provincial meia légua de terras para o Patrimônio Municipal, casas para a Câmara Municipal, Quartel de Polícia e Cadeia Pública e Casa Paroquial. Aceita a Dádiva pelo Governo da Província, elevou - se à Vila (17 de setembro de 1853, e à cidade, a 28 de dezembro de 1889). Intitulada UNIÃO, nome elegido por João do Rêgo Monteiro, em virtude da aliança dos seus habitantes. Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional dos Municípios de Campo Maior

e União. Comendador da Ordem de Rosas, Cavalleiro da Ordem de Cristo, chefe do Partido Conservador' de União, de grande prestígio eleitoral no município de Campo Maior, onde sua ação se fazia sentir diretamente. Juiz de Paz e Deputado Provincial, nas legislaturas de 1854 a 1857 a 1870 a 1873. E finalmente coroado com o suntuoso pergaminho de Barão de Gurguéia, por Decreto Imperial de 16 de setembro de 1874, pelos seus méritos e serviços prestados à Coletividade e aos Governos da Província e do Império.

Agraciou mais o governo, em Teresina, o prédio em que ainda hoje, funciona Escola Pública, na Praça Saraiva. Construiu casas residenciais nas ruas Paissandú, Teodoro Pacheco, Coelho Neto, Coelho Rodrigues, Praça Rio Branco e Antigo Palácio Episcopal na Praça Saraiva, onde era o seu domicílio e casa geminada destinada a trabalho de artes, ensaios de um conjunto musical e guarda de instrumentos, de 15 a 17 figuras, inclusive um maestro que regimentava a orquestra. Os Educados Artífie' instituição designada a estudo de menores pobres, mentido à sua custa.

No sítio e fazenda, hoje, "Colônia Agrícola David Caldas", "Barra^x dos Cavalos", quando transferidos ao Governo Federal, continha um roçado de 160.000 braças quadradas, lavoura de terras fertilíssimas exploradas por João do Rêgo Monteiro.

*do Riacho

Católico Apostólico Romano, o Barão de Gurgueia na Capela de sua fazenda "Gameleira", habituava-se êle próprio, rezar o t^{er}ço aos s^{áb}ados, apenso a sua família, dependentes e visinhos, possuidor de 198 escravos. Proprietário aproximadamente de duas datas de terras, "Suçupara" e "Santa Rita", e quatro fazendas de gado vacum, equino, caprino, ovino e suino, nos lugares "Gameleira", "Tucuns", "Soledade" e "Estanhado", transferida esta, onde havia solta e casa, currais localizados em um alto, à direita, defronte ao p^{ôr}to do Rio Parnaíba, para o lugar "Sítio", mais ou menos, dois quilômetros de União.

Na sua grande feitoria, havia músicos, trabalhadores braçais, ourives, carpinteiros, ferreiros, pintores, pedreiros, oleiros, etc. Seus filhos e filhas ensinavam a ler àqueles que desejavam aprender.

Era o Barão venerado e estimado pelos seus escravos.

À Teresina, beneficiou também com mais dois edifícios: a Igreja de Nossa Senhora das Dores e a Casa de Misericórdia. Construiu também casas em Campo Maior, e cooperou com o Conselheiro Saraiva na edificação de Teresina. Afilhado de batismo e devoto de Nossa Senhora dos Remédios, de primordial imagem, importada de Pôrto-Portugal, por sua aquisição.

X De idade avançada, abandonou a vida Pública e retirou-se para sua favorita União, onde viveu alguns anos, no refúgio do lar, e pareceu a 08 de dezembro de 1897, aos 89 anos de idade, em sua residência, ao lado da Igreja Matriz, hoje, construídos o Salão Paroquial, e o poço do "FSESP", esquina com a Prefeitura Municipal, e o excedente do quarteirão, cercado do domicílio.

Do seu irmão Cel. Benedito José do Rêgo, proprietário e criador, sabemos que esposou dona Ana Miguelina de Abreu Rêgo e desapareceu aos 40 anos de idade, deixando filhos Ricardo, Cândido, João, Franklin, Benedito José do Rêgo e Elisa Maria do Rêgo, e que colaborou com João do Rêgo Monteiro.

Os restos mortais do Barão e da Baronesa jazem no segundo cemitério construído em União, e os de Tomé, esposa e seu filho Benedito e consorte deste, descançam no primeiro construído na aludida cidade, conominado por "Cemitério Velho".

Em Teresina, destacam-se em homenagem ao Benemérito Barão, o Grupo Escolar "Barão de Gurguéia" e a Avenida "Barão de Gurguéia", e em União, a Praça "Barão de Gurguéia", onde é localizada a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios.

Possuía o Barão - Carroagem, com a família ir as missas, fazer e retribuir visitas, e uma boa lancha que fazia viagem de Teresina à "Gameleira" e "Estanhado".

O titular não era homem de letras, mas de muita dedicação à leitura, escrevia e falava com acêrto. Era finalmente um gentil homem.

O Tenente-Coronel Benedito José do Rêgo, fi lho do Cel. Benedito José do Rêgo, sobrinho, afilha do e criado pelo Barão de Gurguêia, nasceu em U nião e faleceu em 1915, contando 73 anos de idade. Foi prestigioso Chefe Político, em substituição ao seu venerando tio, por longos anos.

Prestou a sua cidade natal relevantes benefí cios, construindo prédios, ponte de madeira sôbre o "Riacho da Raiz", mercado público e cemitério pú blico, etc. Intendente Municipal, por várias elei ções, Deputado Estadual e membro do Tribunal de Contas do Estado. Exerceu a Medicina e Advocacia ' ao seu povo, em falta de facultativos. União dis cerniu-o com a rua "Benedito do Rêgo", ostentando seu busto em bronze, na praça "Barão de Gurguêia". Foi comerciante e proprietário das fazendas "Geni papeiro", "Graças", "Campo Alegre" e "Mundo Novo", onde possuía criação avultada de gado vacum, ca valar, caprino e ovino. Nupciou-se com dona Cisal pina Dias do Rêgo, filha do Português Major Tomás Dias Gonçalves, fazendeiro, proprietário em Campo Maior, deste Estado, senhor único da data "Sítio ' do Meio", encravado no município da mencionada ci dade. Os seus descendentes diretos, - Dr. Antônio Deoclécio do Rêgo, jornalista, Jurista e orador, e

9

xerceu os cargos de Promotor Público, de Juiz Municipal, de Direito com Jurisdição em União, Campo Maior e Barras, deste Estado, chefe de Polícia do Governo do Major do Exército Nacional, Cariolando de Carvalho e seu candidato ao Governo do Estado, no seguinte pleito, parecendo aos 33 anos de idade, de violenta febre perniciososa, no período de vinte dias. Proprietário e fazendeiro, nos lugares "Saqueinho", "Salobro", "Malhada da Areia", deste município, "Bom Jardim" e "Boa Vista", município de Campo Maior e "São Fernando", de José de Freitas, deste Estado. Aureolado por União, dando à avenida Fronteira ao seu pôrto, o nome de "Antônio Deoclécio do Rêgo". Coronel Bendito do Rêgo Filho, Intendente Municipal, Deputado Estadual, em vários pleitos eleitorais, durante a gestão governamental dos mágnos e memoráveis vultos políticos, Dr. Antonino da Silva Freire, Dr. Miguel de Paiva Rosa, Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, Dr. João Luiz Ferreira, etc., Presidente da Assembléia Legislativa, prestigioso chefe político, proprietário e fazendeiro no lugar "santa Maria", deste município; Coronel Artur Napoleão do Rêgo (falecido), Juiz Federal, Fiscal Federal, fazendeiro e proprietário no lugar "Campo Alegre", deste município; Coronel Demostenes Nei do Rêgo, (Extinto), comerciante, coletor federal e estadual, proprietário e fazendeiro nos lugares: "Velame", "Malhada Vermelha" e "Ja -

pão", deste município, os quais substituíram seu progenitor na política e administração do município; Dona Maria Amélia do Rêgo Monteiro, desposada com o Tenente-Coronel João do Rêgo Monteiro Filho; dona Francisca Amélia do Rêgo Abreu, espôsa do invidável médico, tribuno, literato e político tradicional, Dr. Areolino Antônio de Abreu, Ex-Governador do Estado, alardeado por Teresina, com a rua e hospital "Areolino de Abreu", e por União, pela rua "Areolino de Abreu"; dona Ana do Rêgo Monteiro, cônjuge do Coletor Federal e Estadual, em União, Coronel Francisco do Rêgo Monteiro, já falecido. Demais descendentes da Família, em espécie, mortos e sobreviventes - Dr. César do Rêgo Monteiro, intelectual, desembargador, Jurisconsulto, ex-Deputado Federal, Senador e Governador do Estado da Amazonas; Dr. Leônício do Rêgo Monteiro, Educador e Consultor Jurídico do Ministério da Fazenda Federal, em Teresina, Delegado Fiscal; Salathiel Turenne do Rêgo Monteiro, que fixou-se no Amazonas, onde deixou grande descendência; Dr. Tersandro Paz do Rêgo Monteiro, Geólogo e Professor da Universidade Federal da Bahia; Marechal médico, Helvécio Resende do Rêgo Monteiro; Dr. Cláudio Resende do Rêgo Monteiro, Juiz Federal Aposentado, residente no Rio de Janeiro; Dr. José Roberto Andrade Pinto do Rêgo Monteiro, Engenheiro, Diretor Superintendente do Banco Nacional de Habitação, em Guanabara, Rio de Janeiro; Dr. Cid do Rêgo Campelo, Desembargador e

Presidente do Tribunal de Justiça do Paraná, Estado que representou como Deputado no Congresso Nacional, professor Universitário, em Curitiba; Professor Osvaldo Franklin do Rêgo Monteiro, do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro; Ovídio do Rêgo Monteiro, poeta, e funcionário público; João Almendra do Rêgo Monteiro, poeta, jornalista e telegrafista no Piauí; Rubens Almendra do Rêgo Monteiro, Comandante da Marinha Mercante, residente em Niterói; Igor Martins Napoleão do Rêgo, estudante de Engenharia, no Rio de Janeiro; Dr. Raimundo Francisco Lobão Melo, Engenheiro, em Teresina; Coronel João do Rêgo Monteiro Sobrinho, ex-funcionário da Delegacia Fiscal, em Teresina; Coronel Benjamim do Rêgo Monteiro Filho, ex-Coletor Federal, em Teresina; Coronel Manoel do Rêgo Monteiro, ex-comerciante, Presidente do Conselho Municipal de União, Delegado de Polícia, fazendeiro e proprietário nos lugares: "Canto da Várzea" e "Veneza", do mesmo município; Thieres Adolfo do Rêgo Monteiro, funcionário federal, em Fortaleza-Ceará; Dr. Clóvis do Rêgo Monteiro, ex-Diretor e professor do Colégio Pedro II, de esmerada cultura, no Rio de Janeiro; Dr. Hugo Napoleão do Rêgo, orador, jurista, Deputado Federal, político de projeção, advogado do Banco do Brasil S.A., e Consultor Jurídico no Rio de Janeiro, distinguido pelo Estado do Piauí, com a cidade de "Hugo Napoleão", Dr. Benedito Martins'

Napoleão do Rêgo, intelectual de renome, poeta de mérito, jornalista, orador, poliglota, professor, autor de muitas obras literárias e científicas, membro da Academia de Letras, Secretário de Estado, no Govêrno do Tenente Coronel Landri-Sales, e seu substituto, por alguns meses, no Govêrno do Estado, Consultor Jurídico, advogado do Banco do Brasil S. A., no Rio de Janeiro; Dr. Lindolfo do Rêgo-Monteiro, distinto médico, em Teresina-Piauí, homenageado pelo Estádio Esportivo e ex-Prefeito da Capital; Dr. Rosmarino do Rêgo Monteiro, exímio professor culto, em Teresina; Dr. Antônio Martins do Rêgo, conceituado advogado no Rio de Janeiro; Dr. João Martins do Rêgo, Engenheiro Civil, em Teresina, dotado de reconhecida técnica; Dr. Valdemar Napoleão do Rêgo, farmacêutico e funcionário aposentado do Banco do Brasil S. A., em Teresina, Dr. Durval do Rêgo Monteiro, intelectual e Consultor Jurídico, da Delegacia Fiscal, em Teresina; Acésio do Rêgo Monteiro, funcionário Federal, em Teresina; Cléber do Rêgo Monteiro, funcionário federal, em Teresina; Dr. Benjamim do Rêgo Monteiro Neto, professor Catedrático da faculdade de Direito do Piauí, de notável cultura e mensageiro de asseguarada austeridade; Dr. Mozart do Rêgo Monteiro, professor de mérito no Rio de Janeiro; Dr. Raimundo Burlamaqui do Rêgo Monteiro, destacado Delegado do Impôsto sôbre Rendas, em Teresina; ~~Dr.~~ Ovídio do Rê

go Monteiro, telegrafista nacional; Dr. José Fortes do Rêgo, propretário e criador, Jurista, Promotor Público e Procurador do Estado, em Salvador, Bahia; Dr. Otávio Fortes do Rêgo Monteiro, proprietário e criador, notável Jurista e íntegro Desembargador Presidente do Egrêgio Tribunal de Justiça e Eleitoral; Dr. Dário Fortes do Rêgo, proprietário e criador, habilitado e digno Juiz de Direito da Capital, deste Estado; Dr. Tasso Fortes do Rêgo, proprietário e criador, Deputado Estadual, conceituado Segundo Promotor Público da Capital, adido à Procuradoria Geral do Estado; Francisco do Rêgo Monteiro, Matemático e ilustre Inspetor do Banco do Brasil S.A., no Rio de Janeiro; Dr. Ôton do Rêgo Monteiro, saudoso Promotor Público e advogado em Teresina; Dr. Anfrísio Lobão Vêras Filho, proprietário e cirador, médico obstreta, operador, instituidor da Agência Ford, no Estado do Piauí e do Banco Agrícola, hoje, Banco do Estado do Piauí, ex-prefeito da Capital do Estado, como Presidente do Conselho Municipal, substituiu alguns meses, no Governo do Estado, o honrado Interventor Federal, Dr. Leôniças de Castro Melo, reverenciado por Teresina, com a rua "Anfrísio Lobão"; Coronel Filinto do Rêgo Monteiro, ex-Deputado Estadual, prestigioso Chefe Político, proprietário e criador nos lugares: "Boa-Fé", "Jenipapeiro" e "Veneza", Prefeito Municipal de União, por muitos anos, no Governo

do Insígne Interventor Leônidas de Castro Melo, deixou traços de relevo nos mandatos confiados, calçamento, praças, Grupo Escolares, Cadeia Pública, Prefeitura Municipal, Uzina Elétrica, etc., condecorado por União com o Ginásio e Avenida "Filinto Rêgo"; Dr. VALter Alencar Juiz Aposentado do Colendo Tribunal de Contas do Estado, professor Catedrático da Faculdade de Direito do Piauí, Diretor e criador da TV Rádio Clube, divulgado advogado, Chefe de Polícia, no Gôverno Francisco das Chagas Rodrigues e Secretário de Estado no Gêverno do Interventor Federal Coronel Vitorino Correia; Dr. José Alencar, Engenheiro, advogado e e funcionário Público, em Teresina; Dr. Segisnando do Rêgo Alencar, condígnio causídico, no Rio de Janeiro; Dr. Basílio do Rêgo Monteiro Campêlo, Desembargador, em Curitiba, Estado do Paraná; Almir do Rêgo Campelo, graduado Oficial do Exército Nacional, no Rio de Janeiro; Dr. Aloísio Freitas Napoleão do Rêgo, eminente Embaixador do Brasil, na Suécia, Europa; Dr. Osvaldo do Rêgo Melo, conceituado e versado médico cardiologista, de vultada clientela em Teresina ; Dr. Waldimir Barlamaqui do Rêgo Monteiro, conceituado médico, em Teresina; Francisco do Rêgo Monteiro, estudante em Teresina; *Odmar* Burlamaqui do Rêgo Monteiro, cirurgião dentista e exorientador educacional do Colégio Estadual, em Teresina; Dr. Wladimir do Rêgo Abreu, ex-Presidente do Tribunal

de Contas do Estado, chefe de Polícia, no Governo de João de Deus Pires Leal, Meritíssimo Juiz de Direito da Capital; Dr. Ormeu Lobão do Rêgo, médico na Guanabara; Dr. José Napoleão do Rêgo, advogado do Banco do Brasil S.A., em Teresina; Dr. Antônio Lobão Vêras, criador e proprietário, acatado médico, em Teresina; Dr. Anfrísio Lobão Vêras Filho, Bacharel em Direito, saudoso funcionário Federal, em Teresina; Dr. José Edmilson do Rêgo Mota, competente e humanitário médico, em União; Dr. Filinto do Rêgo Monteiro Neto, dedicado e hábil clínico, em União; Dr. Raimundo Nonato do Rêgo Monteiro, auspicioso médico, em São Paulo; Antônio Carlos Saraiva Rêgo, proprietário, funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em Teresina; Dr. Otton do Rêgo Monteiro Filho, Oficial do Exército Nacional, no Rio de Janeiro; Maurício Pereira do Rêgo Monteiro, Engenheiro Civil, residente em Teresina; Miguel Saraiva do Rêgo, funcionário da Empresa Brasileira dos Correios e Telegrafos, em Teresina; Hermílio do Rêgo Monteiro, Telegrafista Nacional, em São Salvador-Bahia; Dr. Segisnando Ferreira Alencar, advogado, em Teresina; José Raimundo Saraiva do Rêgo, funcionário Federal, em Brasília-DF.; Raimundo Nonato do Rêgo, funcionário Federal, em Teresina; José Lobão do Rêgo, funcionário Estadual, em União, neste Estado; Artur Napoleão do Rêgo Filho, funcionário Federal da Delegacia fis -

cal, no Rio de Janeiro; Raimundo Nonato do Rêgo - Lobão, funcionário do Banco do Brasil S.A., em Teresina, Dr. Anfrísio Lobão Vêras Neto, médico, em Teresina; Dr. Hugo Napoleão Neto, ilustre advogado e professor, no Rio de Janeiro; Mariano Gil Gaioso Castelo Branco Filho, estudante, em Teresina, Oscar Castelo Branco Neto, acadêmico de medicina, em Salvador-Bahia; José Maria de Lobão Vêras, notário Público, em União, neste Estado, Ormuso Lobão do Rêgo, comerciaro, em Teresina, Raul Lobão Vêras, proprietário e criador em Teresina; Dr. César da Costa do Rêgo, cirurgião dentista, em Teresina; Dr. Ormindó do Rêgo Monteiro, residente em São Paulo; Olavo Burlamaqui do Rêgo Monteiro, funcionário aposentado da Empresa Brasileira de Correios e Telegráfos, em Teresina; Raul Lobão Vêras Filho, Fiscal Municipal, em Teresina; Dr. José Guilherme do Rêgo Monteiro, criaador e proprietário, habilitado advogado e Procura dor do Estado, em Teresina, seus filhos: João Almendra do Rêgo Monteiro Neto, Ruben Guilherme Melo do Rêgo Monteiro, José Leonardo Melo do Rêgo Monteiro, Ricardo Augusto Melo do Rêgo Monteiro, estudante; Benedito Lobão do Rêgo; Dr. Roberval Lobão do Rêgo, Imparcial Promotor Público, em Oeiras, deste Estado; Anfrísio Lobão do Rêgo, funcionário estadual, em Teresina; Dr. Valter de Carvalho Abreu, destacado médico, no Rio de Janeiro; Dr. Bonifácio de Carvalho Abreu, funcionário Es-

tadual, em Teresina; Valdimir do Rêgo Mota, funcionário do Banco do Brasil S.A., em Teresina ;
FERNANDO SARAIVA DO RÊGO
Dr. José Virgílio Castelo Branco da Rocha Filho ,
emérito Juiz de Direito, do Estado do Paraná; Paulo do Rêgo Monteiro Rocha, acadêmico de Direito, em Curitiba-Paraná; Dr. Osvaldo Fortes do Rêgo , engenheiro civil, em Teresina, Otávio Fortes do Rêgo Filho, acadêmico de medicina, em Pernambuco; Dr. Carlos Alberto do Rêgo Sobral, engenheiro e letricista, em Teresina, Lucimar Sobral Filho, estudante, em Teresina, José Paulo do Rêgo Monteiro Sobral, funcionário do Banco do Brasil S.A., em União, neste Estado; Eduardo Antônio Martins do Rêgo, preeminente Oficial da Marinha Nacional, no Rio de Janeiro; Dr. Matias de Melo Filho, apto a advogado e funcionário público, em Teresina, Francisco Fortes do Rêgo, funcionário do Banco do Brasil S.A., em Teresina, Dr. Segisnando Alencar Neto, advogado em Teresina; Dr. Benedito do Rêgo Neto, cirurgião dentista e professor, em Recife - Pernambuco; Dr. Sandro Fortes Napoleão do Rêgo , advogado do Banco do Brasil S.A., no Rio de Janeiro; Ademar Napoleão do Rêgo, funcionário do Banco do Brasil S.A., em Teresina - Piauí, Dr. Aloisio do Rêgo Melo, cirurgião dentista e professor da Faculdade de odontologia de São Luiz-Maranhão ; Dr. Alberto Napoleão do Rêgo, funcionário Federal, em Teresina; Dr. Luís Fortes do Rêgo, funcionário

ederal, em Teresina; Areolino do Rêgo Abreu, fun-
 onário aposentado do Tribunal Regional Eleito -
 al, em Teresina; Rogério Fortes do Rêgo, Bacha-
 el em Direito e Deputado Federal, em Salvador-Ba-
 ia; Dr. Tureno Fortes do Rêgo, engenheiro agrôno-
 o, em São Salvador, na Bahia, Lúcio Fortes Napo-
 eão do Rêgo, funcionário Federal. no Rio de Ja-
 eiro; José de Jesus do Rêgo Melo, funcionário da
 mpresa Brasileira dos Correios e Telegráfos, em
 eresina; Marcos David Carvalho do Rêgo Monteiro -
Marcelo Eugênio do Rêgo Monteiro estudante Fran-
 isco do Rêgo Melo, cursando engenharia civil em
 asília-DF; Demóstenes do Rêgo Neto, acadêmico
 o Rio de Janeiro; Adolfo do Rêgo Alencar funcio-
 ário da Empresa Brasileira de Correios e Telégra-
 os, em União; Antônio de Pádua Fontinele do Rêgo
 estudante, em Teresina; Dr. César do Rêgo Mon-
 eiro Filho, residente no Rio de Janeiro; Dr. Val-
 er Alencar Filho, advogado, em Teresina, Luís Lo-
 io do Rêgo, funcionário do Banco do Estado, em
 eresina; Raimundo Lobão do Rêgo, acadêmico de me-
 cina, em Teresina; Dr. José Lobão do Rêgo, dig-
 Fiscal do Banco do Brasil S.A., em Teresina,
 is do Rêgo Melo, funcionário do Banco do Brasil,
 Picos, neste Estado; Francisco de Assis do Rê-
 o Melo, bancário, em Recife-Pernambuco; Raimundo
 poleão do Rêgo, funcionário da Empresa Brasilei-
 de Correios e Telégrafos, em Teresina; Douro

* Rafael-Vitor Carvalho do Rêgo Monteiro, estu-
 dante de engenharia no Rio de Janeiro (na 1ª edição de
 1974 à pág. 13) com Marcos David e Marcelo Eugênio,

tas: Maria do Socorro do Rêgo Mota e Maria Elisabete Monteiro Saraiva; Carlos do Rêgo Monteiro, criador e proprietário, Fiscal Estadual e operoso Prefeito atual, deste município, de autêntica administração, já pela terceira demanda eleitoral; Erton Nei do Rêgo, acadêmico de Direito pela Faculdade de Direito de São Luís, do Maranhão, Jornalista, político, em Miguel Alves, ex-Promotor Público da Comarca de União, Escrivão do 1º Ofício e Tabelião Público de Miguel Alves, Professor do Ginásio "Filinto Rêgo", em União, advogado Provisionado dos municípios citados e de José de Freitas, deste Estado, proprietário e criador no lugar "Bonfim" e fazenda "Santo Antônio", do município de Miguel Alves, (já mencionado), nupciado com dona Alice Saraiva do Rêgo e filhas destes consortes: Teresinha Saraiva do Rêgo, de prendas domésticas, funcionária municipal e Secretária da Junta do Serviço Militar (C. R.); deste cidade e Maria Alice do Rêgo Nery, casada, com Luís Aniteres Nery e ex-Secretária do Ginásio "FILINTO RÊGO", local, e ambas portadora do diploma ginasial.

A descrição em tela, far-se-á jús, e fração de histórico do saudoso intelectual Desembargador Clodoaldo Freitas, acrescida de verídicos dados em alusão ao remoto pretérito.

Neste episódio narrativo se não concretiza autosugestão da estética magnificiência de estipe,

rudição do aprimorado estilo adolescente, o arre-
 atamento das maravilhas, as apoteoses da glória,
 as ruidosas hosanas das homenagens, os troféus do
 enome, mas o restrito tributo de veneração e a
 or ao bérço natal, carpindo o impoluto soluço da
 reminiscência e da gratidão, a palpitar no recôn-
 lito da alma que devaneia, jorrando cipientes lá-
 grimas à margem do tûmulo dos que ressonam no lei-
 co da Eternidade, e que a misericórdia do Onipo-
 tente Divino, os conduza a sua mansão de glória.

Manuet Evit - conservar as virtudes dos ante-
 passados.

Quod Dei Conjunxit Homo Non Separet - O que
 Deus uniu o homem não deve separar (ou melhor, lhe
 é vedado o direito de separar). Quem não ama o
 seu sangue não venera a si próprio, e é antagonis-
 mo aos preceitos do Criador.

Augustiza ausência fonte do coração humano,
 lâgrima da dor, da reminiscência, da saudade e sím-
 bolo de incalculável realidade.

Ad Perpetum Momoriam - é de perpétua memória.
 Abastando - se de definir os demais de linhagem '
 Rêgo Monteiro, em face de sua ainda amplificada '
 ascendência e descendência.

União-Pi, 30 de março de 1972.

ERTON REI DO RÉGO

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado
e sua honrosa comitiva;

Exmo. Sr. Prefeito Municipal

Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca
e demais autoridades constituídas.

Minha Senhoras e meus Senhores:

A aspiração do Processo é das coletividades humanas, e os habitantes de União, se ufanam pelo acrisolado amor ao bem público e a sua terra natal, que almejam vê-la sempre mais bela e mais sedutora.

Magnitude e evolução de pensamento da alma unioense, ao despertar do ASTRO REI, o esplendor rosicler de nova aurora de um colar de luz, euforia, paz, amor, sabedoria e salvação.

Exibição plena desta assertiva, vemo-la, hoje, com a inauguração de praça "Barão de Gurgueia" (João do Rêgo Monteiro), de há muito assinalada pelos nossos queridos e saudosos antepassados.

Do eminente e benemérito Barão, doador e criador desta florecente cidade, cujos méritos e glorioso passado escusados serão ser relatados, por se acharem de imagem viva e resplandente, exuberantemente focalizados pelos anais históricos de União e Teresina, Capital deste Estado, etc., no decorrer do século pretérito.

Pois, na expressão autorizada Deraulide, pon

derou-se e atuou: "Só se pode apreciar o amor ao bêrço e à Pátria pelas mercês e sacrifícios a eles dedicados".

Extasiados contemplamos, aqui, esta areolada praça, um novo e avigorado jardim de variadas flores que se exibam garbosamente no desenvolvimento acelerado da cidade, mais um centro de predileção, prazer e confôrto, aformoseado por encantadores exemplares da Natureza.

O afeto à Natureza, o afeiçoamento pelas flores, é tributo e apanágio dos corações enobrecidos, dos espíritos bem aprimorados, o ósculo da paz, do amor e êxtase das fantásticas maravilhas do criador, onde germina os sublimes e miraculosos rebentos da inteligência humana e do amor à coletividade.

Esta praça simboliza mais um penhor de gratidão intercalado num dos locais mais adequados da nossa dileta União, duplamente prendada pela formosura e pela utilidade pública.

Generalogia e gerações de conterrâneos e turistas, aqui, deleitarão o aroma delicioso e confortável da brisa que suavisa. Crianças se divertirão em seus folguedos. Mancebos fluirão seus devaniões poéticos. Trovadores êbrios de amor, às estéticas maravilhas de misterioso luar, enamorado e fantástica realiza de escampo firmamento machetado de estrelas ao bailar e treinar da Lira.

Idosos habitantes conquistarão beneplácito ' repouso na contemplação das árvores, das flores, embalados pelas azas do passado, ao ciciar fagueiro da ventilação carinhosa e amiga que os ocila e caricia.

Esta apoteosa de adorno público, está, pois, indissoluvelmente vinculada à nossa União. Nela , senhores, se retrata a ave que gorgoeja, o pensamento que esvoaça, a alma que anseia, a sucessão' melodiosa das canções as cantadas do amor que purpureia, o sono ardente da mocidade e a saudade muda da velhice consternada.

De coração congratulamo-nos com os que a inauguraram.

Nada me parece tão apropriado ao alcance almejado do que um lagradouro como este, com o qual senhor Governador, deste município, adornais a nossa viçosa cidade. Estais por conseguinte, de congratulação, com esta sublime diligência, estais a pantear que sois mansageiro consciente das carências públicas, o que aprasível, e estais empenhado em realizar os testames amoldados a satisfazê-las.

Recebei, em duplicatas, senhor Administrador, deste Município, os reconhecimentos arrebatadores desta dedicada gente que com exaltação vos aplaude, e com gratidão, de mão postas aos Céus, nos-sas preces a Cristo Redentor, à excelsa imaculada

padroeira desta cidade, Nossa Senhora dos Remédios, bem assim ao conspícuo taumaturgo Santo Antônio de Lisboa, à Santidade esmeralda de São Francisco de Assis, à complacência do amor e pureza de Teresinha do Infante Jesus; porvir sonho e bendito, benemérito e ventuosa, imaginário e Santo, alvoradas de luz, manifestações de amor, glórias e vem aventuras despendidas por suas sacrossantas bênçãos sobre nossa favorita não e bafejar e a peregrinar por melhores dias, na senda do horizonte cuspicioso do progresso ao ventilar do pedestral da grandiloquência excitante da magestade de seus filhos.

Não há na sublimidade invulnerável da extensão indefinida um IMPÉRIO banhado de luz; murmurar das verdes águas do oceano plácido sereno: nas serenatas dos rouxinóis, por noites consteladas; no trilar saudoso dos sabiás, em manhãs formosas; no canto estridente da graúna; no suluçar crespular da araponga; no flautear da janáia sobre a fronde sombria e protetora dos mata-gais, aquela hosana intensa que sintetisa a alma vibrante dos vossos corações unionenses unguídos pelo mesmo afeto e análogo ideal.

Linda como as flores são belas, ditosa como a bonina campreste, ornamentada como a dália, graciosa como a humilde violeta, meiga como a pureza, suave como a saudade, eis a maravilhosa poesia

desta horta de esperança, - por excelência de iti lidade pública e símbolo arrogante do prazer huma no.

Nela, se não concretizam as imaginações simbólicas do politeísmo, a fantasia do estilo, a i lusão desoladora, mas, tão somente a realidade de uma Administração fecunda e sadia.

Aceitai, portanto, unionenses, amigos, as mi nhas calorosas felicitações pelo mágnio empreendimento público, que o governo municipal vos oferece, ao palpital convulsivo e impolgante do vosso' coesivo e insopitável entusiasmo.

E ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, e a sua nobre comitiva, os meus protestos de soberba' deferência.

União, 15 de dezembro de 1972.

Erton Nei do Rêgo.

Obs:-

Não pronunciado em virtude de não ter havido inauguração Oficial.

O Autor.

A CARIDADE

A caridade é a máxima das virtudes teolo - gais, e Deus ladeado pelas suas três filhas dile - tas, a Fé, a Esperança e a Caridade, têm certamen - te a mão direita sôbre a cabeça da mais juvenil.

Essa santa virtude não traduz as lágrimas da ventura sôbre - natureza no íntimo de quem a con-

agra. São Paulo considera a Caridade a virtude 'or excelência; São João, Apostolo, afirma ser ,la, o epílogo e objeto final da Cristandade: eão Roque por dedicação a essa singular virtude, ecebeu a reverenciado prêmio de Santidade, a cu a de todos os enfêrmos que exerasses a sua valio a intercessão.

Nos prodigiosos e minorandos milagres do onspícuo, Santo Antônio de Lisboa, discernido pe o Papa Gregório IX, com os luminosos renomes de Arca do Testamento", "Tesouro da Santa Escrituras", "Pai da Ciência Mística" e "Arquivo das Sagra las Escrituras"; Pelo Papa Leão XIII, proclamado o Santo Mundial"; por outros Papas cognominados 'Martelo da Heresia" e "Luma da Igreja"; e pelo Su o Pontífice Pio XII, inscrito e condecorado "Dou or da Igreja".

Eletriza-se arrebadora imagem dessa bem-avenurada virtude, bem assim, na santidade admirável' e São Francisco das Chagas, padroeiro da Ação Ca ólica e dos turistas, martir e "Indefeso Poeta da atureza", em busca da Redenção.

O Cristianismo sintetiza a harmonia fraternal a Caridade e símbolo consciente do primor humano, lucidado o dógma do Evangelo e do Altruísmo.

"O amor ã pobreza, através dessa idolatrada 'irtude, teve seu verdadeiro paladino em São Fran isco de Assis, e não sendo apenas aos pobres, mas,

todos, mesmo às fêras".

Ao amanhecer das primeiras primaveras do exílio o teólogo e admirável pregador Santo Antônio de Padua ou de Lisboa, que empolgava e extasiava as massas com a sua privilegiada oratória e prodigiosos milagres, já se exalava a maviosa fragância dessa genuína virtude.

Frei Antônio de Pádua, ao decorrerem dos séculos tornou-se o Santo mais favorito de Portugal, França, Itália e Brasil. Em síntese, cerca de setenta localidades brasileiras e dezenas e muitas paróquias o homenageiam com o seu nome, afora os milhares de Antônioos que povoam o solo brasileiro.

Próspero representante de coros e sóis das angélicas oligarquias da Suprema Côrte da Beatíssima Trindade, entoando trisúgio de amor, louvores e adoração; externando contrições de mancebos desviados à restauração de deslises comprometidos; rangeando indulto a inocentes sentenciados ao pábulo; luz de vida já fenecida, eregindo às brandíssimas de mães inconsoláveis, glorioso Serafim e Querubim, de bendita língua, após exumação de séculos, em Pádua, ainda resplandece, ileso e viva.

O mesmo genial Apóstolo, na antiga Lusitânia, em oração à Santíssima Virgem, ainda nos verdores da inocência, atentado por um Amadeu qualquer injurioso da candura de sua alma santa, expeliu-o traçando o sinal da Cruz sobre o mármore que se tor

foi flexível, de vertígrio inapagável, até hoje, em romaria, venerado por milhares de peregrino-Sio tur Ad Astra.

Temo-la também ardoramente praticada pelos irmãos de São Vicente de Paulo, no mosteiro de São Bernardo, beneficiando milhares de pessoas; Exemplificando com avidez na soberania dos Santos Evangelhos de São Mateus e São Marcos, e pelas beneméritas irmãs Dorotêia, na Europa, na África, nas Américas, unguidas por impetuosa consagração de su olimado afeto à infância e à juventude, liderando sobre tudo com o distintivo-Simplicitate Labore.

Foi por amor à Caridade que os mártires regam a terra com o sacrifício de seu sangue e os apóstolos impuseram a sua Santidade.

A verdadeira Caridade é impalpável como luz invizível como a consciência humana.

Praticar a Caridade é a maior obra de Filantropia dos bafejados pela sorte.

É um imprescindível dever de consciência que se molda aos nossos sentimentos de humanidade.

A lídima Caridade não consiste somente em dar esmola. É encaminhar almas para o bem; arborar o traço; estender a mão ao menor abandonado para não ser um elemento nocivo à sociedade; prestar auxílio físico ou intelectuais ao mancebo ou ao cidadão para que sejam filhos condignos de sua Pátria; assistir a uma jovem para não se tornar uma ramei

; validar a paz e concórdia entre amigos que ani-
 zidade havia dissipado; guiar alguém ao bem; fa-
 litá-lo no que estiver ao seu alcance; dar abri-
 ao filho pródigo que volve o lar paterno; não
 aproveitar da inocência ou ignorância do próxi-
 ; não divulgar os defeitos impróprios; não calu-
 ar, porque, com frequência objetiva uma desventu-
 ; desceçar as lágrimas dos que choram; não humi-
 ar: consolar os conternados; não desprezar os
 esvalidos; dar assistência aos moribundos; tratar
 om benevolência e enternecimento os asilados: sua
 isar as dores dos que sofrem; mitigar as penas
 os que padecem; amar o Criador e obedecer aos
 seus Santos Mandamentos, - Ad Majorem Dei Gloriam.

Miraculosa lua de fulgores resplandecentes pe-
 etrando os corações mais empedernidos, balsâmo ci-
 ratizante das úlceras de nossas almas, tonifican-
 o as energias vitais dos nossos espíritos; aureo-
 ado estandarte de divinal apoteose dos sábios de-
 ígnios da Providência; espoente máximo das virtu-
 es que Cristo Redentor, colocou nas mãos da Huma-
 idade, como símbolo do amor e da Redenção.

Se a palavra é de prata, o silêncio de ouro,
 a modéstia pe o brilhante que retrata a esmeralda'
 a imagem da Educação e da Caridade.

Todos nós devemos participar da Caridade, por-
 que precisamos recebê-la. Pobres e ricos, jovens e

nciões, rústicas e políglotas, polígrafos e poli-
atos, plebeus ou fidalgos, todos necessitam do
dor salutar e reivindicador dessa excelsa virtu -
e. Os opulentos e pontentados carecem de mais ca
idade do que os mais humildes dos seus servos e
requentemente, os venturosos de hoje, são os des-
itosos de amanhã; e "a velhice ridícula é, porven
ura a mais triste e derradeira surpresa da nature
a humana".

Diante da Caridade, a Fé se proterna e a ciên
ia, vencida se inclina".

Aníbal, Capitão, Pompeu, Heitor, Aquiles, Ti
o, Teseu e outros heróis de uniforme fama mundial,
obram-se a essa benfazeja virtude.

A Caridade infinita à Humanidade, focaliza
ois mágno oceanos: - o mundo evangélico e o mun
o terrestre. Um agitado, proceloso, ameaçador e
evólto, contendo todas as amarguras e tormentos
a vida, e o outro plácido e sereno, figurando to
as as maravilhas de uma bonança invulnerável. Foi
elo amor da Caridade que os doze pregadores da
aliléia gragearam a simpatia das miltidões opri-
ldas pela tirania dos Césares.

"Foi pelo espírito da Caridade que Jesus Cris
o ao expirar na CRUA dava à sua mãe um filho na
essoa de São João e, triunfante das angústias do
ais horrível suplício, proferia um brado de li
ertação e salvação, dizendo: "Meu Pai em tuas
ãos entrego o meu espírito".

Na erudição fascinante e fecunda de São João Bosco, irradia-se o brilho intenso dessa culminante virtude. Ao voluntar dos séculos, na priméva Gaia, no próprio santuário profanado, a sua ação tornou-se benéfica e régia ao riso dos filhos de Valter. Invicto escudo de São Martins de Tour, em defesa dos prisilianistas torturados pelos que im punham a fé pelo fio da espada. Magnânima página assinalada sobre o solo brasileiro, pelo espírito laborioso e benfasejo do José Anchieta despertando os corações consternados, com ternura, clemência e carinho, ao bailar fagueiro das verdes asas da esperança.

Ei-la ao pē da Cruz, exuberante retratada pelo sombria vialácteas de São Francisco Solano, em desvelada e laudabilíssima peregrinação impregunada de volutivo e viçoso amor ao próximo.

Pelo divino crucificado; nas Santas e doloridas lágrimas de Madalena; nas sábias e inspiradas evangelizações dos Apóstolos; na Evolução das Almas; da Complacência caritativa do amor em Deus, o grande General São Jorge salvou a filha do tirano e cruel Rei Deocleciano; e na profecia dos Profetas. Astro rutilante dos cacros tesouros de erudita autoridade de Santo Agostinho e da ostentação autoritária e eloquente de São Crisóstomo. Artífice de real preceito condecorado na douta dos eméritos conhecimentos telógicos de São João Ba.

tista e autenticada efígie do imperante engenho ' filosófico de São Tomás de Aquino. Consagrado Ma nã transformado em flores, às mãos de Santa Isa - bel da Hungria; e abençoado cruzeiro de misterio - sa constelação ascendente ao Zênite da eterna be - maventurança.

A caridade é a superante virtude da consagra - ção, da purificação do amor que reata a preexelsa aliança do homem Deus, para com a Humanidade ins - pirada na verdade impoluta de um Empíreo Sagrado.

Não há detê-la na sua triunfante tragetória. A Fé e a Esperança, virtudes de restritos trânsi - tos e a Caridade, inflamada pelo Amor Divino, ul - trapassa a própria morte e penetra gloriosamente ' no Reino de Deus-Fiat Voluntas Dei.

Havemos mîster de venerar essa majestosa vir - tude.

Onde não há Caridade não existe Deus. Ela é o intimerato sacrário de suas bênçãos; O incontes - te tabernáculo de suas indulgências; e o melodio - so Bêrço da perfeição, do amor e da Esperança, ' despertando sumas e prazenteiras hosanas de luz, Paz e Sabedoria.

Do etério porvir da supernal Realidade com - lhaneza, a murmurar: Ó nobilíssima virtude, deixa que deposite em teus pés, o ósculo das lágrimas ' de um coração agradecido, no sortir festivo do ' sorriso de Godofredo de Bulon, ao homenagear Je - rusalém libertada!

Benditas lágrimas que, por entre as quais
 entila o sorriso festivo da liberdade conquista-
 a ao maravilhoso éco dos clarins estridentes - a
 voz de triunfo pela vitória coroada.

Nos tempos árdus e calamitosos, Alexandre'
 o Grande, o Vencedor do poderoso Dário'
 III, perfazia-a coroando rainha e justificando indi-
 cado, e reintegrando poderes condígnos aos povos
 subjulgados. No crepitar monótono das purgentes a-
 guas do tremendo cativado da África, por To-
 biás, o Ancião, professada, a Moisés, por Deus re-
 comendada. (Exodo 25).

Misteriosos farol, aos Mâgnos evangelizado, e
 em Jerusalém emudecido. Preconizada na autoridade
 palavra de Ambrósio e Cipriano; doutrinada com a
 vivacidade e plenitude apostólica de São Bernardo;
 na serenidade benemerante de Santo Hilário; nas
 soberanas prédicas de São Basílio Mágnos: no benfa-
 dado heroísmo do prodigioso transformante Inácio'
 de Loiola; nas nomeadas orações de São Raimundo
 Nonato, em pró de liberdade dos opressos e cati-
 vos; no inoxidável apostolado de São Domingos, e
 a sombra hospitaleira, reivindicadora e protetora
 da deidade modéstia e piedosa de Santo Afonso Ma-
 ria de Ligório, instituidor da augusta Congrega-
 ção do Santíssimo Redentor.

Na nobreza inviolável do espírito guerreiro'
 e destinado de Joana Darc: na clemência da alma

anta do Lundgrave Luís, da Tungria, (Alemanha , 34
entral): nos olhos já sem luz, é a ave, fiel
companheira, que se ergue e canta com perfeita
contrição a saudosa melodia do adeus a vida que
amortece.

Depurada no lirismo impecável de Junqueiro e
a própria incredulidade de Cícero.

Moureaux, fê-la premissa do esplendor varia
do seu eldorado estilo. Ufanosas petestades do
ocorro Público, Helena, Bárbara e Izabel, de Por
agal, no crepúsculo da Juventude permutando sus-
oso cetro de Realeza pelo submisso remate das
ompaixões e das cruciais angústias.

A vida e a morte o Bem e o Mal, estão dian
e da Humanidade: O que houver preferido lhe se-
á concedido. (Ecl. 15-18).

Dar-se-ão as núpcias entre o Amor e a Dor ,
aja prole é a Bonança ou a lágrima.

"A Fé, é uma ância, a Esperança, uma ambição,
a Caridade, o puro amor".

Meritória Virtude que irradia o recôndito da
ma e faz emudecer a ilusão que surde.

Praticar a Caridade é preparar futuro, e se
gum dia a sorte nos fôr adversa, encontraremos'
mão caridosa.

Exemplo sublime é o da Cruz Vermelha. A sua
ssão é sacrosanta. Mitiga a dor. Consola o en-
rmo. E a sua divisa é a Caridade..

União-(PI) 14 de setembro de 1970.

Erton Nei do Rêgo

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE FREI ANTÔNIO DE LISBOA. SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA OU DE LISBOA, nasceu em Lisboa, Capital de Portugal, a 15 de agosto de 1195, dia consagrado à Assunção de Maria Santíssima. Batizou-se por Fernando de Bulhões, filho de pais pobres, ricos e virtuosos Martins de Bulhões, e Maria-Teresa Tavera, descendentes da família real de Godofredo de Bullon, primeiro Rei Franco de Jerusalém, e das Autúrias (Espanha). Iniciou aos quinze anos seus estudos eclesiásticos em terra natal, no Mosteiro de São Vicente Fora, transmitindo-se dois anos depois para o Convento de Santa Cruz, em Coimbra, Portugal.

Aos vinte e quatro anos conquistou o honroso título de Cônego da Ordem de São Agostinho, e ingressando na Ordem Seráfica, de São Francisco de Assis, o noviço passou a chamar-se Antônio de Bulhões, Insigne orador sacro, de erudita cultura e prodigiosa memória, admirável eloquência, virtude insuperáveis, desvelado filantrópico e máximo Taumaturgo da Época.

A sua palavra sábia, empolgante e de arrebatadora eloquência, induzia as massas. Padres, Bispos Cardeais, Papas, analfabetos e leteratos congregavam-se extasiadamente para colherem o precioso Manã di seu divino Apostolado.

Em Portugal, França, Itália, Espanha e de mais países da Europa, aclamado o soberbo ídolo

ciência, da Taumaturgia e das angélicas virtudes aos preceitos de Deus e de sua Santa Igreja.

Coroado Doutor do "Templo Católico Apostólico Romano". Deixou escritos duzentos e trinta e oito sermões e outros livros de real condecoração, evidenciando-se "Concordância Moral" e Exposição da Escritura Sagrada".

As suas autorizadas pregações suscitavam os habitantes das profundezas de rios e mares, abandonarem seus leitos para ouvi-las; e demais seres em uso da razão, prosternarem-se diante da Santaóstia Consagrada, por misterioso preito de reverência ao Criador.

Sexta-feira Santa, treze de junho de mil duzentos e trinta e um, dois dias para inteirar trinta e seis anos, entoou o hino gloriosa Domina, contemplando os Céus, eclamaou: "Vejo o meu Deus". E santamente pareceu no Mosteiro de Arcela, um Convento das Irmãs Clarissas, às lágrimas toantes do Mundo Católico, entrecortadas de soluços e suspiros pela separação pungente do bom amado Apóstolo, e ministrados os últimos sacramentos, os braços fraternais de seus confrades, inumou-se cinco dias após, interrompido pela multidão popular que o roeava, ricos e pobres, estrangeiros e natrícios, sábios e ignorantes, grandes e pequenos, Padres e Bispos, Cardeais, Papas, embevecidos elevavam preces, louvores e aprazimentos. Conolados eram, e os milagres multiplicavam-se. Nas

igrejas de Pádua e Lisboa os sinos agitavam-se em contatos a criançada, por impulso misterioso, anunciava pelas ruas: "Morreu o Santo! Morreu Santo Antônio!"

Os que não podiam aproximar-se para o atingir ou oscular, subitamente curados. Surdos ouviam, mudos falavam, coxos andavam, doentes de todos os males curados, e, em aclamações e louvores, embriados pelo Amor Divino, agradeciam. Relata um memorável Comentarista e escritor de excelso renome, doutor Francisco de Sá, ex-Ministro da Associação (1909): e Frei Pedro Singig, O.F.M. primoroso Liógrafo, afera historiadores de uniforme jurisdição cultural e acendrada fé pública, que os milagres vinham a granel.

Mês depois do passamento do Bem-Aventurado, o povo e o clero, em delírio bradavam por sua canonização. Ano seguinte, (1232), data da encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Santo Pontífice Romano, Gregório IX, a trinta de maio, festa de Pentecostes, perante religiosa concentração e concurso de grados cidadão de toda Europa, na cidade de Espolette (Itália), da tribuna moral da Igreja Catedral, decretou a consagração do apromorado Antônio, dentre outros sancionou cinquenta e dois milagres de autêntica vivacidade, colocando-o no catálogo dos Santos, fixando o seu festejo para treze de junho, dia do seu trânsito, do qual

inda não sido celebrado o primeiro aniversário e, levando-o ^o aureoladamente no Candelabro da Igreja a e Cristo Redentor, sob palmas, louvores, orações, cânticos e hinos sacros.

Benta sua Santa Imagem, trazendo aos braços, seus Meninos e as flores do lírio, espelho da pureza e da sabedoria, à mesma hora da honrosa solidão, operou-se em Lisboa, extraordinário fenômeno, homens, mulheres, crianças, de súbita inspiração, nas ruas e praças públicas, a baterem palmas, cantar e dançar, e das Igrejas, os sinos a soarem jubilosamente sem que ninguém os tangesse.

Ratificaram Historiadores e Escritores háreis e abalizados que Antônio foi o novo Elias . tratado como vivo, se estivesse sobre o altar. O sacramento do Amor, da Dor e do Sofrimento. Ineriu o Mundo com a essência angélica de suas virtudes. Pádua e teatro de opulência dos seus teatros de graças. O atleta de Cristo. Fundou diversos conventos na Europa. Sábio Legislador da "Ordem dos Menores".

Um dos maiores benfeitores da Humanidade, por todos os séculos. Quinze dias antes de dar o último Adeus ao mundo, abençoou a Pádua, como São Francisco de Assis, a "Assis".

De peregrinação à França, por ordem superior, retornando à Itália, abrigou-se no Convento de Pedro, em Campietro, aldeiazinha ao norte de Pádua,

pedindo-lhe preparassem uma cela entre os galhos' de uma figueira, lugar solitário e adequado às suas orações e meditações. Evidenciado e solicitado pelos Paduanos proferia suas prédicas eremitas, e a cela tornou-se um verdadeiro púlpito. Sentindo-se doente, exarcebando o mal, disse a Frei Rogé e a Frei Lucas, seria prudente regressar à cidade de Pádua, ao Convento de Santa Maria. Providenciariam a viagem, em caminho a conselho de um frade que veio visitá-lo estacionou no Mosteiro de Arcella, onde se deu sua extinção, e sepulturo no Convento de Santa Maria. Transladado seus espojos mortais para Pádua, a oito de abril de mil duzentos e sessenta e três, trinta e dois anos, da parca fatal do Bem-Aventurado, encontrada sua língua ilesa, rubra e viva. Frei Boaventura, Ministro Geral da Ordem, Seráfica, mais tarde Bispo e hoje, Santificado recebeu-a em suas mãos, diante de Mágna assistência de católicos de várias nações, com olhos embaciados de lágrimas, caracterizando-se o seguinte extrato: "Ó Língua abençoada, que tantas vezes bem dissestes o Senhor, O Senhor, o fizeste bendizer por tantos outros. Agora nós vemos qual é o tesouro de mérito amontado diante de Deus! "A conclusão, determinou - lhe atributassem as honras específicas, colocou-a num relicário condigno, num vaso de cristal, que ainda permanece em Pádua ou Lisboa, a mais bela e maior do Universo.

Os Escritores, Historiadores, Sacros, Pe. An-
 nio AT, C.S.C.; Mons. Dr. J. Basílio Pereira e
 Frei Câncio Berri, O.F.M., respectivamente, portu-
 gues, italiano e brasileiro, categoricamente des-
 crevem com autenticidade os milagres constantes
 de vida e morte, do gracioso Frei endossados pe-
 los doutos Pregadores Vieira e Mont'Alverne.

Poderem o prerigrinar do Santo monge, pela
 terra e hoje, no AlêM, beneficiando a todos que
 com dignidade de fé, veneração e respeito, o re-
 correm e invocam no pungir amargo das aflições. A
 famados e escrupulosos Cronistas de hoje, aos dias
 idos, aludem que o prendado Prelado abrandava as
 fêras bravias, os ventos furiosos e os mares tem-
 pestuosos, detinha o ódio e a tirania, o desespe-
 ro e a calamidade, agumentava a peste, o Protago-
 nista das trevas, seus dolos e sortilgãos. No co-
 ração de cada brasileiro, pulsa um altar de Tauma-
 turgo. Sua Santa Imagem, uma das primeiras a tes-
 temunhar o solo brasileiro. Portugal seu glorioso
 bêrço, e a Itália santifica-se com os seus precio-
 sos restos mortais Gaude, Felex Paduaquae Thesau-
 rum possides.

Doutrinado conhecedor dos idiomas Francês,
 Italiano, Espanhol, Latino, e Portugues, e em to-
 dos sabiamente evangelizava. Os Sermões da Figuei-
 ra, retratavam a ressurreição da Alocuação da Mon-
 tanha, por Cristo Redentor. Não restritos os tra-

177

tados de graças e glória que Deus premia aos seus servos fiéis. Antônio Mestre de Teologia, por excelência. Com êsmero ocupou diversos cargos na Ordem Seráfica. A visão de Jesus e Maria relampejavam-lhe as divinas faces, aureolando suas benditas e privilegiadas virtudes. Miraculoso Santelmo da Perfeição e da Pureza, de fulgores resplandecentes, que entreabre as espessas cortinas de coração humano, para purificar as pulsações e fortificar as energias-invirtude presita est - vera facilitata. - Serva mandata useavires. Timor Domini Principim sapicnsitiaie. A verdadeira felicidade reside na Virtude. Observa os Mandamentos e vive-rás. O temor do Senhor é o princípio da Sabedoria. Escusado será focalizar-se:- o protótipo da vida Evangélica, na plenitude e analogia e sublime doutrina do seu Apostolado, - Frei Francisco de Assis e Frei Antônio de Lisboa.

União, 20 de maio de 1971.

Erton Nei do Rêgo.

Revm^o. Pe. Josino Borges Leal.

Revm^o. Pe. Luiz de Castro Brasileiro.

Exmo. Sr. Dr. Paulo de Tarso Mello e Freitas, digⁿíssimo Juiz de Direito desta Comarca.

Exmo. Sr. Dr. José de Ribamar Machado, eminente ' Órgão do Ministério Público, local.

Exmo. Sr. Dr. Ezequias Gonçalves Costa, digne re^{presentante} do povo Piauiense na Assembléia Legis^{lativa} do Estado.

Exmo. Sr. Des. Simplício de Sousa Mendes, erudito mestre do Direito.

Exmo. Senhores. Minhas Senhoras.

Padre Josino Borges Leal, não estranhe vossa reverendíssima, o júbilo com que por todos nós, é acolhido; antes perdõe e medéstia da recepção, que lhe é feita.

De há muito tem a história assinalado felizes os povos, de onde se encontram à frente de sua Igreja, como seus conselheiros espirituais, restritamente identificados com sua doce e evangélica missão, onde transpira um sentimento elevado e nobre de amor pela sublime doutrina do doce Nazareno.

Na verdade, bemaventurados são os povos que, pela palavra e pelo exemplo, pela bondade e pela abnegação dos seus pastores d'alma, seguem sempre pela estrada do bem, tornando-sé os seus comandados bons cidadãos e bons chefes de família.

Nada mais precioso a um povo de que a missão sublime dos que na terra apostolisam a religião ' do Céu.

As virtudes vivificam-se nos corações, os a nimos e os caracteres amoldam-se aos sentimentos' piedosos, dignificantes, humanos, altruístas, e tudo isto é obra benéfica da influência poderosa' do exemplo e do conselho daqueles que sabem praticar o seu evangelho sacerdôcio, orientados pela caridade mais pura e mais bela.

É a aspiração de todos nós, nesta hora divina e de deslumbrante em que vossa reverendíssima' Pe. Josino Borges Leal, desempenhar a missão de orientador da consciência do povo de Miguel Alves, e guia de suas sublimes aspirações, e que Vossa ' Reverendíssima, continuador da obra sacrossanto do seu antecessor o reverendíssimo Padre Luiz de Castro Brasileiro, a quem esta terra deve assinalado carinho e a religião os mais valiosos sacrifícios em pró de sua amplidão.

Convicto estamos, Pe. Josino Borges Leal, de em vossa reverendíssima encontrar um sacerdote e xemplar, bondoso e dedicado, de que esta terra ' precisa para continuar bem merecendo de Deus, da Pátria e da humanidade, pelo que sinceramente desde já ofertamos à Vossa Reverendíssima a o nossa estima, saudando-o com o mais profundo respeito de fé, pelas suas virtudes e venemerência espiri-.

tual. E ao reverendíssimo Pe. Luiz de Castro Brasileiro, ser grato partir, plenamente seguro de que não deixa nesta terra a mais leve sombra de despeito, o mais pequeno átomo de inimizade, não menos grato é a nós todos de ficarmos na certeza absoluta de que Vossa Reverendíssima, Pe. Luiz de Castro Brasileiro, não levará em desfavor de nenhum de nós, o mais leve ressentimento, e que no desempenho do seu evangélico mistér, tornou-se tão querido e tão venerado por nós todos.

Neste momento, que o vemos apartar-se de nós, só encontramos lenitivos para a dor de o perdemos, em manifestar a Vossa Reverendíssima todo o grande afeto que lhe consagramos e saudade imensa que nos embala.

Benvindo seja Reverendíssimo, Pe. Josino Borges Leal, e felicidades, Reverendíssimo Pe. Luiz de Castro Brasileiro, orvalhadas pelo amor de São Miguel Arcanjo e pela excelsa bondade de Nossa Senhora dos Remédios, é que o povo Miguel Alves, de coração, deseja as vossas reverendíssimas.

Miguel Alves, 14 de dezembro de 1957.

Erton Nei do Rêgo

Exmo. Reverendíssimo D. Avelar Brandão Vilela, digníssimo Arcebispo Metropolitano de Teresina.

Se o momento não fôra de natureza misteriosa que, de um mudo, faria um Mont-Alverne e de um rústico um Antônio Vieira, não ousaria pronunciar-me diante de tão seleta auditório.

Não estranhe V. Exa. Reverendíssima, o júbilo com que para todos nós é reconhecido. Antes perdoe a modesta da recepção que lhe tributamos. De há muito, a História Sagrada, concretiza felizes os povos, onde se encontram a frente de sua Igreja, como conselheiro espiritual, sábios sacerdotes e Evangélica Missão.

Na verdade, bem-aventurados os povos que pela palavra, pelo exemplo, pela bondade e pela dedicação de seus pastores d'alma, seguem sempre pela estrada do Bem, tornando os seus comandados, cidadãos probos e todos chefes de família.

Nada mais preciso para um povo, do que a missão sublime dos que na terra apostolizam a religião do doce Nazareno. Podemos dizer sem vacilar, que foi a doutrina de Cristo que abriu entre os povos, o caminho da Civilização, do Progresso, da Paz e da Concórdia. Trajetória segura, por onde trilham todos os que tem no recôndito d'alma, uma fé viva, inabalável e intensa.

As virtudes verificam-se os nossos corações, os ânimos e os caracteres amoldam amoldam-se aos sentimentos piedosos e altimistas, e tudo é obra benéfica da influência poderosa dos bons exemplos e dos conselhos daqueles que sabem praticar o seu evangélico sacerdócio, orientados pela fé mais pura, pela Caridade mais magnânima, inspiradas e exemplificada por Cristo Redentor.

É desejo sagrado de todos nós desta Paróquia nesta hora divina e de deslumbramento, em que V. Exa. Reverendíssima vem como orientador de nos sas consciências, guia de nossas aspirações, por tador do bálsamo eficaz e cicatrisante das cha gas de nossas almas, produzidas, pelo Câncer do pecado. Eis, por que, com os nossos ternos e co nhecidos agradecimentos, ofertamos a V. Exa. Re verendíssima, a nossa estima e consideração por termos a honrosa satisfação de saudar V. Exa. Re verendíssima, com os nossos calorosos cumprimen- tos de boa vinda, implorando a Jesus, à candura da Rainha de todos os Santos, os eméritos Taumatur- gos Santo Antônio de Pádua, São Francisco de As sis e ao nosso glorioso São Raimundo Nonato para que sempre nos concedam a graça de festejarmos ' recepções dignificantes como a que, neste momen- to inaltece e fortifica os nossos sentimentos de católicos, apostólicos, romanos.

Aceite, portanto, V. Exa. Reverendíssima as nossas efetuosas saudações e que jamais sejam tol- dadas pela sombra da lisonja, mas, tão somente re- gadas pela sincera e merecida homenagem que o po vo católico merece, tem o direito e o dever de in fluenciar-se, agradecido, e também aos padres Xa vier e José Gonçalves, de espírito inteligente e empreendedores, que muito vêm figurando em bene- fício de nossa santa religião, nesta cidade.

A fé que me arde n'alma, por concentrar a mente, neste divino e sublime acontecimento, transpira um sentimento elevado e nobre, o amor pela doutrina sacrosanta de Jesus Cristo, Redentor da mocidade e Salvador da Humanidade.

Pois bem, senhores, a conclusão desta alocução erguemos um viva ao nosso digno Arcebispo, Dom Avelar Brandão Vilela, sua ilustre comitiva e aos Padres Xavier e José Gonçalves, ao povo católico de União e ao nosso glorioso São Raimundo Nonato.

Viva Dom Avelar Brandão Vilela! Viva sua ilustre comitiva! Viva os Padres Xavier e José Gonçalves! Viva o Povo de União! Viva o nosso Glorioso São Raimundo Nonato!

União, 30 de agosto de 1969.

Erton Nei do Rêgo

Prezados amigos compadre Hermes de Sousa Lira e comadre Zila Fontenele de Sousa.

Exmo. Sr. Flaviano Ribeiro dos Santos e sua digníssima consorte.

Encantadoras Senhorinhas.

Nobres recém-casados.

Para os corações sinceros, para aqueles que acima das conveniências grosseiras deste mundo, colocam a nobreza dos sentimentos, o enlace de duas almas que se adoram, é um dos mais risonhos dramas da vida por compreendermos o que vai de be

o e sincero no íntimo dos jovens que, o destino secreta suas imutáveis leis, envolvendo-os com o agrado manto do matrimônio.

A vida humana pode ser comparada a um oceano, ora plácido, ora agitado e inquieto, erguendo vagalhões sôbre vagalhões em nuvens de espuma caindo prélagos profundos.

Nós, pobres nautas, que nos vemos forçados a lançar o nosso frágil batel nessa estiada inconstante, precisamos de uma mão amiga e carinhosa que nos ajude alcançar a vela enquanto nos dirigimos ao destino, um olhar companheiro que prescute o longe, a tempestade, enquanto estudamos o roteiro da viagem.

É a mulher, senhores, essa companheira natural de homem, é destinada para essa viagem eterna.

A felicidade é o fim supremo da existência e amor, êsse, sentimento sublime e puro, base de toda criação, fluído misterioso adquirido dos seus pelos arcanjos, é, o único Talismã que pode abrir ao homem, Secreta porta das delícias maravilhosas e infinitas.

O casamento, que é atualmente, a consequência lógica do amor, a única conclusão permitida, tenta às condições de nossa sociabilidade, deve, portanto, a ser o ato mais ambucionado por todos aqueles que possuem a noção acertada da verdadei-